

## CHOMSKY E O ASPECTO CRIATIVO DA LINGUAGEM

Rodrigo T. Gonçalves<sup>1</sup>

rodrigotg@ufpr.br

**RESUMO:** Este trabalho visa apresentar a revisão histórica que Chomsky (1972) faz do conceito de *criatividade lingüística*, e apresenta uma leitura crítica de como esse conceito faz parte da constituição da proposta da Gramática Gerativa de Chomsky. A leitura crítica inclui autores pós-Chomsky (1972) e as reformulações no conceito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criatividade lingüística; Gramática Gerativa; História da Lingüística; Filosofia da Linguagem.

### 1. INTRODUÇÃO

Dos conceitos e questões mais relevantes para a constituição das idéias lingüísticas e filosóficas de Noam Chomsky, a idéia do aspecto criativo da linguagem está entre as mais importantes para a defesa epistemológica da proposta de Gramática Universal, uma das bases fundamentais de sua teoria da linguagem.

Neste trabalho, pretendo avaliar o conceito de aspecto criador da linguagem em Chomsky (especialmente, em Chomsky (1972) – Tradução de *Cartesian Linguistics*, daqui em diante apenas CL, Chomsky (1965) – *Aspects of the theory of syntax*, daqui em diante apenas *Aspects*), e nos textos de autores citados por Chomsky (especialmente em CL) para fundamentar sua breve história dos conceitos fundamentais de uma chamada Lingüística Cartesiana<sup>2</sup>, quanto de autores não citados diretamente por

---

<sup>1</sup> Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Paraná.

<sup>2</sup> A Lingüística Cartesiana seria, para Chomsky, uma suposta linhagem intelectual, ou seja, não é necessariamente vista como escola de pensamento na história do pensamento ocidental sobre a linguagem (enquanto uma suposta lingüística racionalista em oposição às tendências da nascente lingüística científica da virada do século XVIII para o XIX, com o pronunciamento de Sir William Jones sobre as semelhanças entre o sânscrito, o latim, o grego antigo e outras línguas européias, inaugurando uma lingüística indutivista que culmina com o estruturalismo do início do século XX), mas sim como uma espécie de “herança” intelectual na qual Chomsky se inscreve.

Chomsky, mas que constituem parte importante da discussão acerca dos conceitos de criatividade na linguagem do ponto de vista sistêmico (como, por exemplo, a discussão feita por Carlos Franchi).

## 2. CHOMSKY E A CRIATIVIDADE LINGÜÍSTICA

A própria idéia de gerativismo, implícita na maneira como a gramática de uma língua proposta inicialmente por Chomsky como fundamentada em um sistema de regras recursivas capazes de gerar sentenças nunca antes proferidas, baseia-se, indiretamente, na noção de aspecto criativo da linguagem. No entanto, para a teoria gerativa desde suas primeiras formulações (cf. Chomsky, 1957 e 1965, por exemplo), a idéia de poder gerativo baseia-se em definições formais de funções recursivas que permitem que certas regras sintagmáticas livres-de-contexto, por exemplo, associem categorias e itens lexicais de modo a construir outras categorias. Uma gramática de estrutura sintagmática elementar, como as de *Syntactic Structures* (1957), por exemplo, poderia ser escrita mais ou menos como se segue:

- a. S -> SN SV
- b. SN -> DET N
- c. SN -> N
- d. SV -> V SN
- e. SN -> SN SP
- f. SP -> PREP SN
- g. N -> menino, menina, bolo
- h. V -> vê, ama, come
- i. PREP -> do, da
- j. DET -> o, a

Embora a gramática de estrutura sintagmática exemplificada acima seja trivial e muito diferente do que propõem as versões mais recentes das teorias gerativas (cf., por exemplo, as teorias de Regência e Ligação / Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e o Programa Minimalista (Chomsky, 1995), ela já serve para nos mostrar algumas características das tentativas de formalização de regras internalizadas de que os falantes

disporiam para interpretar e produzir sentenças de acordo com a gramática de sua língua, que seria, por sua vez, o estágio final do desenvolvimento da Gramática Universal, geneticamente inscrita em todos os seres humanos normais. Isso se percebe, por exemplo, a partir da constatação de que o conjunto de regras sintagmáticas como as acima poderia ser aumentado bastante, para dar conta das muitas possibilidades de estruturas sintáticas disponíveis em português, e de que o conjunto de itens lexicais que compõem as regras de reescritura de (g) a (j) poderiam incluir todos os itens possíveis do léxico da língua. No entanto, mesmo com uma gramática de um fragmento quase ínfimo da língua como a esboçada acima, já é possível perceber que, a partir de recursos finitos (seis regras de estrutura sintagmática e quatro regras de elementos terminais que incluem um número limitado de itens lexicais), o número de possíveis sentenças (embora semanticamente pouco criativas e até mesmo implausíveis) é bastante grande, como percebemos nos exemplos de sentenças geráveis abaixo:

- (1) O menino ama a menina.
- (2) O menino ama a menina do bolo.
- (3) O menino come o bolo da menina.
- (4) O menino da menina come o bolo da menina do menino.

Desconsiderando as restrições que impeçam a geração de sentenças como “*O menino come o bolo da menina*” (o que não proponho que seja a posição das teorias chomskianas), temos a clara percepção de que certas regras são responsáveis pela possibilidade de recursividade, o que permite que, caso seja necessário, uma língua possa gerar categorias que apresentam a mesma categoria dentro de si, e assim por diante. Veríamos um exemplo simples disso, em uma sentença como “O menino ama a menina do bolo do menino”, em que o SN objeto contém outros SNs (via regra (e), que permite a recursividade, ainda que de modo bastante primitivo), de forma que, seguindo as regras disponíveis, é possível ampliar o tamanho do SN supostamente indefinidamente.

Deixando de lado as questões técnicas envolvidas na postulação de regras desse tipo como parte do componente-base de uma gramática gerativa efetiva, o interesse desse trabalho é, ao contrário, apresentar algumas posições de Chomsky, principalmente em CL, que mostram um interesse em basear parte de suas afirmações teóricas na questão relevante de que o que constitui uma diferença fundamental entre

homens e animais e/ou autômatos é esse tipo de capacidade criativa. O interesse de Chomsky, como poderemos ver por algumas das análises que faz da tradição prévia concernente a questões ligadas a essa discussão, é, em grande parte, combater a visão behaviorista/empirista fortemente arraigada nas linhas de pensamento sobre a linguagem predominantes desde o nascimento da lingüística como ciência, na virada do séc. XVII para o XIX (cf. Robins, 1983, Lyons, 1967 e Chomsky, 1972, entre outros).

Para as correntes lingüísticas de bases mais fortemente empiristas como, por exemplo, o estruturalismo norte-americano, a língua poderia ser entendida como resultante de uma série de estímulos condicionantes, de forma que o comportamento lingüístico fosse redutível a uma visão quase que ligada a treinamento lingüístico. Para Bloomfield (*apud* Chomsky, 1972: 23), por exemplo, a capacidade criativa não passa de capacidade para produzir novas formas a partir do mecanismo de analogia. Skinner argumentou que a capacidade da linguagem era inteiramente explicável através de sua teoria baseada em comportamentos condicionados através de estímulos, e Chomsky (1959), resenhando seu trabalho, mostrou que não há como entender a linguagem humana dessa forma. A posição chomskiana sobre a impossibilidade de explicar a linguagem humana a partir de moldes puramente empiristas e behavioristas deriva de um dos postulados mais importantes de sua teoria: a Gramática Universal é parcialmente inata e específica da espécie humana, e o que nos permite sustentar essa hipótese é, em grande parte, a incapacidade que teríamos de explicar como todos os falantes normais das línguas naturais atingem o estágio maduro de suas línguas durante um pequeno período de exposição a dados fragmentários, incompletos e inconsistentes. No entanto, é exatamente esse argumento, chamado *argumento da pobreza de estímulo*, que corrobora a hipótese de que só uma teoria de bases inatas, como a da gramática gerativa, poderia dar conta adequadamente dos procedimentos de aquisição de linguagem.

Dessa forma, Chomsky e os gerativistas vêm rebatendo todos os argumentos em favor de hipóteses não-inatistas de aquisição de linguagem (cf. os debates entre Scholtz & Pullum, 2002, Pullum & Scholtz, 2002, Crain & Pietroski, 2002, Lasnik & Uriagereka, 2002, e o debate entre Chomsky, Piaget e outros, transcrito em Piatelli-Palmarini (1983), por exemplo), mostrando que uma vez formada a gramática em seu estágio final/maduro, através de exposição inconsistente a dados inconsistentes, o falante é capaz de compreender e produzir quaisquer e somente as sentenças de sua

língua, jamais violando princípios gerais, universalmente estabelecidos, que regulam as gramáticas das línguas naturais.

Defender o inatismo significa adotar concomitantemente algumas posições teóricas, entre elas: as explicações meramente comportamentalistas ou sociais para a aquisição da linguagem são descartadas ou tornadas implausíveis e surge a necessidade de se teorizar a respeito das características universais das gramáticas internalizadas dos falantes de todas as línguas.

Dessa forma, a gramática gerativa propõe o estudo científico da competência lingüística dos falantes, e se afasta, por isso, das teorias positivistas empiristas como as dos behavioristas ou as estruturalistas. É por isso que uma tentativa de resgatar a história do conceito de criatividade lingüística é tão importante para Chomsky: ele se encaixa numa vertente racionalista do pensamento sobre a linguagem, e o aspecto criativo se relaciona com a busca pela cientificidade formal/matemática que nega a possibilidade de pesquisa baseada apenas nas generalizações indutivas, como faziam lingüistas importantes do período em que Chomsky começa a desenvolver suas teorias, como Bloomfield.

Se o projeto cartesiano/racionalista defende a posição de que há universais inatos na espécie humana, nada mais natural que procurar explicar aquele que nos parece mais óbvio: falamos línguas diferentes na superfície, mas que se organizam fundamentalmente da mesma forma. Podemos encontrar na tradição ocidental do pensamento sobre a linguagem, em diversos momentos, gramáticos e filósofos defendendo a postura de que todas as línguas compartilham características comuns, como defenderam os Gramáticos Especulativos medievais, os gramáticos de Port-Royal, e alguns pensadores pós-renascentistas, como Herder e Humboldt. As tradições empiristas e positivistas emergentes no século XIX afastaram o interesse dos cientistas da linguagem de questões como o universalismo, mas a teoria gerativa traz de volta a questão agora numa posição fundamental para uma teoria séria e que se proponha a dar conta satisfatoriamente das questões da linguagem, e não apenas a descrever o funcionamento superficial e, em termos chomskianos, epifenomenal das línguas particulares.

### **3. A CRIATIVIDADE LINGÜÍSTICA NA HISTÓRIA DE CHOMSKY (1972)**

Passemos a uma investigação da leitura que Chomsky faz das questões do aspecto criativo da linguagem. CL inicia-se com um capítulo sobre essa questão, no qual Chomsky cita Descartes em poucos momentos de sua obra nos quais fala sobre questões da linguagem. Segundo Descartes (*apud* Chomsky, 1972: 14):

é um fato muito notável que não há homens tão embotados e estúpidos, sem mesmo excluir os dementes, que não sejam capazes de arrumar várias palavras juntas, formando com elas uma proposição pela qual dão a entender seus pensamentos; enquanto, por outro lado, não há outro animal, por mais perfeito e afortunadamente construído que seja, que faça a mesma coisa.

Esse trecho citado de Descartes resume a argumentação encontrada na literatura a respeito do que constitui o que chamamos de língua/linguagem humana e que nos separa radicalmente dos animais ou das possíveis máquinas que produzem instâncias de linguagem ou traduzem de uma língua para outra. Os animais que “falam”, segundo pesquisas psicológicas em que chimpanzés são ensinados a falar ou que demonstram que certos tipos de animais possuem algum grau de capacidade de comunicação, não são capazes de organizar sua fala de modo a estruturar o pensamento ou “criar” como fazem os humanos. Assim, para Chomsky,

o homem tem uma faculdade, peculiar à espécie, um tipo único de organização intelectual, que não pode ser atribuído a órgãos periféricos ou relacionados à inteligência geral e se manifesta naquilo que podemos designar como “aspecto criador” do uso ordinário da língua, tendo a propriedade de ser ao mesmo tempo ilimitada em extensão e livre de estímulos. (Chomsky, *ibidem*)

Para Chomsky, identificar em Descartes parte da origem da noção de aspecto criativo faz parte de uma argumentação filosófica intrincada que busca fundamentação epistemológica e histórica para parte de seu conjunto de postulados básicos para uma teoria da linguagem que, durante os anos 50 e 60, em que as primeiras versões da teoria formaram-se (e a primeira edição de CL data de 1966), tentava se estabelecer em meio a teorias estruturalistas amplamente disseminadas e, como vimos, de cunho basicamente positivista. (cf. Joseph, Love & Taylor, 2001 para uma breve história da lingüística no século XX)

Chomsky diferencia-se radicalmente de Descartes em suas posições quanto à natureza da linguagem, e defende que, ao se considerar a Gramática Universal como parte da dotação genética do homem, a linguagem seja, portanto, eminentemente de

natureza biológica. Descartes fala do aspecto criativo da linguagem, em linhas gerais, para refutar uma visão mecanicista radical e para propor a existência do *espírito* como entidade responsável pelas capacidades racionais humanas. Ou seja, Chomsky está longe de propor uma teoria epistemológica racionalista clássica, e a busca apenas na medida em que suas teorias sobre linguagem e mente precisam pressupor um afastamento radical das posições mecanicistas/behavioristas que não dão conta de explicar, através de atividades repetitivas e experiências abundantes, como preenchemos nossa suposta *tabula rasa* com tanta informação a partir de estímulo tão escasso.

O próximo cartesiano que Chomsky cita é o filósofo Géraud de Cordemoy (1626-1684), que, em seu trabalho *Discours physique de la parole* (1668), antecipa grande parte da filosofia da linguagem contemporânea com idéias como a seguinte:

(...) toda a razão que temos para acreditar que há espíritos unidos aos corpos dos homens que nos falam é que nos dão muitas vezes pensamentos novos, que não tínhamos, ou nos obrigam a modificar os que tínhamos (...)  
(Chomsky, *idem*, p. 19)

Além de apresentar-se defensor do aspecto criativo da linguagem, Cordemoy, com esse trecho, lembra-nos de grande parte das discussões contemporâneas sobre a questão da intersubjetividade e da língua como atividade constitutiva (cf., por exemplo, Franchi, 2002 e Tyler, 1978).

Em seguida, Chomsky menciona o premiado *Ensaio sobre a Origem da Linguagem* (1772), de Johann Gottfried Herder, que, durante a efervescência do debate sobre a origem da língua no séc. XVIII, teria sido uma posição tão bem-acabada da proposta que teria sido vista ao longo dos séculos posteriores como uma espécie de “última palavra” sobre o assunto (cf. Robins, 1983). A utilização de Herder e Wilhelm von Humboldt nessa espécie de “arqueologia” da gramática racionalista/cartesiana de Chomsky mereceriam todo um trabalho à parte, uma vez que, aparentemente, os trabalhos dos românticos alemães não são tão claramente identificáveis como fonte de um universalismo racionalista, e, muitas vezes, beiram o relativismo antropologizante do olhar para o particular como expressão do local, do nacional, do subjetivo (cf. Harris & Taylor, 1994 e Gonçalves, 2006).

Então, Chomsky lê Herder da seguinte maneira (*idem*, p. 25):

Sendo livre para refletir e contemplar, o homem é capaz de observar, comparar, distinguir propriedades essenciais, identificar e dar nomes. É nesse

sentido que a linguagem (e a descoberta da linguagem) é natural no homem, que “o homem foi criado como ser falante”. De um lado, Herder observa que o homem não tem linguagem inata, o homem não fala por natureza. De outro lado, a linguagem, no seu modo de ver, é tão especificamente um produto da organização intelectual particular do homem, que é capaz de afirmar: “pudesse eu reunir todos os fios e mostrar o conjunto do tecido que se chama natureza humana, infalivelmente seria um tecido criado para a linguagem”.

Para Chomsky, a explicação de razão de Herder difere da de Descartes basicamente no que diz respeito ao fato de que, para o alemão, esta relaciona-se com estar-se livre do controle de estímulos, de forma a enfraquecer o instinto humano.

Para Schlegel, também arrolado por Chomsky em sua listagem de ancestrais intelectuais, a linguagem é “a mais maravilhosa criação da faculdade poética humana” (*idem*, p. 27). Assim, como afirmávamos acima, Chomsky utiliza-se, em sua resenha, de autores que claramente misturam a noção tradicional de criatividade com a que ele identifica como aspecto criativo da linguagem. A discussão de Schlegel diz respeito muito mais ao fazer poético que constitui parte da capacidade criativa dos seres humanos que interessava aos românticos do que propriamente a uma história das noções que possam ajudar a corroborar as hipóteses inatistas/gerativistas.

Finalmente, a discussão de Chomsky sobre o aspecto criativo da linguagem chega na figura do filósofo, lingüista e humanista Wilhelm von Humboldt, que, em sua Introdução ao Kawi (obra na qual delinea os princípios epistemológicos e teóricos de suas análises descritivas de várias línguas de várias regiões – nesse caso a língua Kawi, da Ilha de Java), estabelece uma série de conceitos fundamentais para a discussão sobre língua e aspecto criativo. Humboldt lança mão de conceitos como *energeia* (atividade/processo) em oposição a *ergon* (produto, ato), defendendo que a linguagem é *energeia*, e não apenas produto estático resultante de trabalho anterior. Estabelece a idéia de que a língua não é algo dado, pronto, da qual os homens fazem uso para se comunicarem. Antes disso, a língua é algo que está em processo, ela é, pois “o trabalho do espírito, que se repete constantemente para tornar possível que o som articulado expresse o pensamento”. (Humboldt, *apud* Chomsky, *idem*, p. 30).

O aspecto criativo da linguagem como definido por Humboldt é formulado em termos que lembram muito os utilizados por Chomsky em suas obras, e é transcrito por Chomsky da seguinte forma: “[A língua] deve portanto fazer com meios finitos um uso infinito, e só consegue isso porque a força criadora das idéias e da linguagem é a mesma.”

Embora Chomsky liste Humboldt como influência importantíssima no desenvolvimento de suas idéias, há uma aparente contradição entre uma visão da língua como a que se apresenta acima por Humboldt e a visão chomskiana de aspecto criativo como um dos pontos de partida para as hipóteses gerativas/universalistas. Isso porque, segundo Chomsky (*idem*, p. 32):

[Para Humboldt], de modo mais geral, uma língua humana, como totalidade orgânica, interpõe-se entre o homem e “a natureza interna e externa que atua sobre ele”. Embora as línguas tenham propriedades universais, atribuíveis à mentalidade humana enquanto tal, cada língua oferece um “mundo de pensamento” e um ponto de vista de tipo único. Ao atribuir este papel na determinação dos processos mentais às línguas individuais, Humboldt separa-se radicalmente do quadro da lingüística cartesiana, evidentemente, e adota um ponto de vista que é mais tipicamente romântico.

Chomsky refere-se, aqui, ao que se costuma afirmar sobre Humboldt: que ele defende um tipo de relativismo lingüístico, ou seja, a posição que diz que as línguas são inerentemente diferentes e que, de certa maneira, essa diferença é responsável por diferenças na nossa maneira de lidar com a realidade e com as nossas experiências (cf., por exemplo, Gumperz & Levinson, 1996 e Gonçalves, 2006). No entanto, Chomsky defende que a visão de Humboldt é “cartesiana” no sentido em que seus conceitos de língua como processo e não como produto e língua primordialmente como meio de expressão do pensamento, ao invés de mero sistema funcional que possibilitaria a comunicação, permitem que ele seja categorizado como tal. Na verdade, o pensamento de Humboldt apresenta-se muitas vezes de forma aparentemente paradoxal, de modo que talvez seja possível afirmar sobre ele que ele procura uma curiosa posição intermediária entre o universalismo cartesiano e o empirismo particularista característico de uma posição romântica. A posição resultante é bastante moderna:

O ser humano convive com os objetos principalmente, ou melhor, exclusivamente assim como a língua lhos introduz, devido ao fato de que o sentir e o agir nele dependem de suas idéias. Pelo mesmo ato pelo qual ele tece a língua para fora de si, ele se enreda e isola no tecido da mesma e cada língua desenha um círculo ao redor do povo ao qual pertence, do qual ele consegue sair apenas na medida em que se passa simultaneamente para o círculo de uma outra língua. O aprendizado de uma língua estrangeira, por isso, deveria ser a conquista de um novo ponto de vista na maneira anterior de ver o mundo, e de fato o é até certo grau, pois cada língua contém toda a teia de conceitos e o ideário de uma parte da humanidade. Este resultado apenas não é sentido de maneira pura e completa porque a própria visão do mundo e da língua é sempre transferida para a língua estrangeira, em maior ou menor grau. (Humboldt, *Natureza e Constituição da Língua em Geral*, in Heidermann, 2006, grifo meu)

A posição relativista é marcante nesse trecho, uma vez que fica clara a relação que a língua específica tem com a maneira que nossa realidade se constitui. A transferência de visão de mundo que a passagem de uma língua para outra apresenta tem implicações muito sérias para as questões ligadas à lingüística, teoria da tradução e até mesmo teoria literária, mas o que realmente interessa é a visão do conjunto de ideário e conceitos que podemos, segundo Humboldt, vislumbrar em uma língua específica, o que nos daria, dada a soma das línguas, a soma dos conceitos e idéias possíveis. Na passagem abaixo, levamos essa questão ao extremo da relação entre essas óticas parciais que as “lentes” de nossas línguas nos propiciam e o aspecto criativo.

A linguagem é, portanto, se não como um todo, pelo menos sensivelmente o meio, através do qual o homem constrói a si mesmo e ao mundo, ou melhor, através do qual se torna consciente, compreendendo-se como consciência apartada do mundo. (Humboldt, Carta a Schiller, in Heidermann, 2006).

A capacidade criativa da língua é, portanto, levada às últimas conseqüências, e esclarece o que Chomsky quer dizer quando inscreve Humboldt em sua tradição cartesiana: a linguagem é, de certa forma, não só veículo do pensamento, mas também algo que *possibilita* o pensamento, de forma circular, ou, ainda, quase paradoxal. Assim, o relativismo aparentemente radical o suficiente para apartar Humboldt da tradição universalista contrasta com uma visão profundamente aguda da natureza da linguagem, como a que vemos abaixo:

Através da dependência recíproca do pensamento e da palavra uma em relação com a outra fica evidente que as línguas na verdade não são meios para a representação da verdade conhecida, mas sim muito mais para a descoberta do anteriormente desconhecido. A sua diferença não reside nas ressonâncias e sinais, mas na diferença de concepção de mundo mesma. Aqui se encerra o motivo e o último objetivo de toda pesquisa lingüística. A soma do que é cognoscível fica, como um campo a ser trabalhado pelo espírito humano, num ponto médio entre todas as línguas, e independente delas. (Humboldt, Sobre o estudo comparado das línguas em relação com as diferentes épocas do desenvolvimento lingüístico, in Heidermann, 2006)

#### **4. DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES**

Ao deixarmos de lado o fio condutor da resenha chomskiana e olharmos para desenvolvimentos posteriores de sua maneira de cavar na tradição ocidental

antecessores intelectuais para suas teorias, deparamos com o trabalho de Carlos Franchi, que procura separar a noção de criatividade lingüística no que ele chama de “sentido mais amplo” com relação àquela criatividade chomskiana, puramente formal, de funções recursivas, como aquela que ilustrávamos no início do trabalho. Retomando Humboldt e Chomsky, Franchi (2002) sintetiza a questão de linguagem como atividade criativa/constitutivada seguinte maneira:

A linguagem não é somente o instrumento da inserção justa do homem entre os outros; é também o instrumento da intervenção e da dialética entre cada um de nós e o mundo.

Dizer isso nos lembra Chomsky (pelo menos em parte): a linguagem não é esse sistema de caráter aberto, público, universal, porque se adapta à multiplicidade das situações comunicativas; ela é um sistema aberto e criativo e, por isso, disponível ao atendimento das necessidades e intenções das mais variadas condições de comunicação.

A visão de Franchi extrapola de certa forma os limites da busca pelo conceito de aspecto criativo da linguagem em Chomsky, uma vez que, para este, tal conceito serve para mostrar, no fim das contas, que a capacidade lingüística humana está livre da influência de estímulos externos e que não está restrita a usos comunicativos específicos, de forma a nos dotar de capacidade de linguagem única entre as espécies, diferente de qualquer outra possível linguagem entre seres vivos e máquinas. Enquanto Humboldt e Franchi, assim como outros lingüistas e filósofos, avançaram para os domínios de criatividade enquanto atividade constitutiva não só da nossa natureza humana, mas também da própria linguagem, Chomsky utiliza-se da história da discussão sobre o aspecto criativo da linguagem como importante instrumento teórico para fundamentar sua gramática gerativa de base inatista, racionalista e universalista.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

1. CHOMSKY, N. Syntactic Structures. The Hague: Mouton, 1957.
2. CHOMSKY, N. Review of Skinner. Language, 35. pp. 26-58. 1959.
3. CHOMSKY, N. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

4. CHOMSKY, N. *Linguística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1972.
5. CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
6. CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: its origin, nature and use*. New York: Praeger, 1986.
7. CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.
8. CRAIN, S. & PIETROSKI, P. Why language acquisition is a snap. *The Linguistic Review*, 19. p. 163-183, 2002.
9. FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. *Revista do Gel*. Número Especial. p. 37-74, 2002.
10. GONÇALVES, R. T. Humboldt e o Relativismo Linguístico. *Estudos Linguísticos*, 35. São Paulo, 2006.
11. GUMPERZ, John J.; LEVINSON, Stephen C (eds.). *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
12. HARRIS, Roy; TAYLOR, Talbot J. *Landmarks in Linguistic Thought. The Western Tradition From Socrates to Saussure*. London and New York: Routledge, 1989.
13. HUMBOLDT, Wilhelm von. *Língua, Literatura e Bildung*. Organizado por Werner Heidermann. Florianópolis: UFSC, 2006.
14. HUMBOLDT, Wilhelm von. *Linguistic Variability and Intellectual Development*. Translated by George C. Buck and Frithjof A. Raven. First Pennsylvania Paperback Edition. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
15. JOSEPH, E. John; LOVE, Nigel; TAYLOR, Talbot J. *Landmarks in Linguistic Thought II. The Western Tradition in the Twentieth Century* London: Routledge, 2001.
16. LASNIK, H. & URIAGEREKA, J. On the poverty of the challenge. *The Linguistic Review*, 19. p. 147-150, 2002.
17. LYONS, John. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: University Press, 1968.
18. LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
19. PIATELLI-PALMARINI (Org.). *Teorias da linguagem. Teorias da aprendizagem. o debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky*. Trad. de Ólvaro Cabral. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1983.

20. PULLUM, G. & SCHOLTZ, B. Empirical assessment of stimulus poverty arguments. *The Linguistic Review*, 19. p. 9-50, 2002.
21. ROBINS, Robert H. *Pequena História da Lingüística*. Tradução: Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
22. SCHOLTZ, B. & PULLUM, G. Searching for arguments to support linguistic nativism. *The Linguistic Review*, 19. p. 185-223, 2002.
23. TYLER, Stephen A. *The Said and the Unsaid*. Mind, Meaning and Culture. New York: Academic Press, 1978.

**RESUMO:** Este trabalho visa apresentar a revisão histórica que Chomsky (1972) faz do conceito de *criatividade lingüística*, e apresenta uma leitura crítica de como esse conceito faz parte da constituição da proposta da Gramática Gerativa de Chomsky. A leitura crítica inclui autores pós-Chomsky (1972) e as reformulações no conceito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criatividade lingüística; Gramática Gerativa; História da Lingüística; Filosofia da Linguagem.

**ABSTRACT:** This article aims at reviewing the notion of *linguistic creativity* as surveyed by Chomsky (1972), as well as to analyse how Chomsky uses it to establish his Generative Grammar. Further work on the topic is also presented to show recent developments about this notion.

**KEYWORDS:** Linguistic creativity; Generative Grammar; History of Linguistics; Philosophy of Language.

Recebido em 05 de dezembro de 2006.

Artigo aceito para publicação no dia 26 de fevereiro de 2007.